

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Popular (Goiania)

Class.: 233

Data 19 de novembro de 1978

Pg.: \_\_\_\_\_

# Darcy, D. Tomás e Niemeyer analisam o Brasil de hoje

**Darcy Ribeiro, ex-Ministro da Educação e Cultura e ex-Chefe da Casa Civil da Presidência da República; Oscar Niemeyer, o arquiteto que construiu Brasília; Dom Tomás Balduino, presidente do Conselho Indigenista Missionário e bispo da Diocese de Goiás; João Filgueiras e frei Matus Rocha, ex-professores da Universidade de Brasília, lotaram de público o auditório do Centro Básico da Universidade Católica de Goiás a tal ponto, no penúltimo sábado, que dezenas de pessoas ficaram do lado de fora, em determinados momentos debaixo de chuva, enquanto nos intervalos das cadeiras haviam pessoas sentadas no colo de outras.**

**O antropólogo Darcy Ribeiro, autor de livros mundialmente conhecidos, como "Uirá, um índio à procura de Deus", analisou com profundidade o problema do ensino no Brasil e inflamou a platéia. Niemeyer falou do Centro Brasil Democrático, do comprometimento dos espaços nas cidades com o lucro imobiliário e criticou Brasília do jeito como ela está sendo conduzida. Dom Tomás descarregou uma série de ataques à proposta de emancipação do índio e pediu que todos assumissem um compromisso com a causa indígena. Depois da exposição de cada um deles, os debates se prolongaram até o anoitecer.**



No centro da mesa, ladeados pelo padre Ivo Mauro e pelo bispo Dom Tomás Balduino, Oscar Niemeyer e Darcy Ribeiro



Até nas janelas havia assistentes, todos jovens, para ouvir Darcy Ribeiro e Oscar Niemeyer e os demais expositores

O antropólogo e professor Darcy Ribeiro, que retornou recentemente de um exílio de mais de dez anos, que lhe foi imposto por causa de suas posições políticas renovadoras, disse inicialmente que hoje no Brasil de cada mil crianças apenas três conseguem atingir o ensino superior, 997 ficam do lado de fora, e que, desta maneira, estamos produzindo agora o analfabeto do ano 2.000.

— Fico contente de ver uma platéia repleta como esta, de gente como eu que não gosta do Brasil como ele é. Que belo país se poderia fazer aqui, com o entusiasmo, com a inteligência de pessoas como vocês, enfatizou Darcy Ribeiro para, em seguida, iniciar sua análise das razões "do atraso deste país onde coexistem todas as culturas do mundo".

— A que se deve o desempenho "chífrim" deste nosso país?, principiou Darcy. Segundo ele, durante décadas se afirmou que o Brasil ainda não progredira porque era um país novo, mas que este raciocínio é falso, "pois o processo de desenvolvimento norte-americano é mais recente que o nosso, e alguma coisa deve ter acontecido por lá e não aconteceu aqui".

— Por que o fracasso do povo brasileiro?, perguntou o antropólogo. "Clima desfavorável, outro argumento muitas vezes levantado para explicar a situação, também não é, pois o nosso clima é um dos melhores do mundo". Raça? "Também não, pois o nosso povo se inscreve bem dentro daquela descrição de Euclides da Cunha, segundo a qual o sertanejo é antes de tudo um forte".

— Muitos ainda acreditam que o nosso atraso se deve ao fato de nossos dominadores terem sido "os portugueses boçais", e desejariam que a nossa colonização tivesse sido promovida pelos "holandeses progressistas"; eles se esquecem do exemplo do Suriname, colonizado pelos holandeses, uma das regiões mais atrasadas do continente. Outros, ainda, jogam a culpa no fato da população brasileira ser na sua maior parte católica, e que o catolicismo é retrógrado - ao contrário do protestantismo dos Estados Unidos, segundo eles. Mas nada disso explica nosso atraso. A verdade é que a culpa é dos bonitos, dos ricos, dos bons, que construíram um país só para eles, um

país de desigualdades, de indiferença com o povo, dentro de um projeto social que não prevê o povo. E o que este povo quer hoje? Ele quer, principalmente, trabalho, e que este mesmo povo reassuma o comando de seu país, para que este país possa ir ao encontro de seu destino, disse Darcy Ribeiro.

Para ele, "o milagre brasileiro realmente houve, pois só com um milagre se pode explicar a sobrevivência deste povo". "A esperança é isto que está aí, a juventude tomando este país, querendo que ele atinja a realização de suas potencialidades", finalizou.

### TOMÁS

O segundo a falar foi Dom Tomás Balduino, presidente do Conselho Indigenista Missionário - Cimi -, abordando a questão da emancipação do índio. Segundo ele, o governo está querendo, com este projeto, atingir o setor mais frágil da nação brasileira, que é o dos índios. Na sua explicação, com esta emancipação tal como foi proposta - o índio terminará ficando sem suas terras, e igualando-se à situação dos negros após o período da escravatura. "Que foi feito dos negros, qual a situação deles hoje?", perguntou Dom Tomás para, em seguida, indagar da platéia: "Quantos negros podem ser contados aqui, nesta platéia de universitários?".

— Com a grita geral - disse o bispo - o governo recuou um pouco no seu projeto de emancipação dos índios, e hoje já a propõe apenas para algumas tribos, para daqui a alguns anos, que podem bem ser 40 ou mais anos. Um índio do Estado de Mato Grosso, ao ter conhecimento do projeto, recebeu que ele e seus companheiros terminariam, agora, sendo "enquadrados".

Dom Tomás descreveu o projeto como "mais um pacote, desta vez com o endereço dos índios", e que ele se constitui em "mais um passo no divórcio entre governo e povo". Depois de criticar mais alguns pontos do projeto, ele acrescentou que cabe ao índio descobrir seu próprio caminho, ser o protagonista de sua própria história.

— Mas nós temos nossa parte neste trabalho de libertação. Que a nossa visão do problema não seja apenas teórica, mas a de compromisso com a causa dos índios brasileiros.

### MATEUS

Frei Matus Rocha, ex-vice-reitor, e ex-diretor do Centro de Teologia da UNB, disse que "depois de ouvir Dom Tomás falar, podemos notar que a religião mudou muito de uns tempos para cá".

Provocando com sua fina ironia grandes risos na platéia, Frei Matus Rocha acres-

centou que às vezes tem medo de acordar e sentir que não há mais ar - todo exportado para pagar as dívidas contraídas pelo governo brasileiro, tornando-se necessário, a partir daí, o fornecimento de oxigênio, para nós, por parte das multinacionais.

— Desde que Frei Henrique Coimbra celebrou a primeira missa no Ilhéu da Coroa Vermelha, criou-se a tradição de tudo aqui no Brasil começar com missa. Não sei como este encontro aqui não começou com uma missa. A verdade é que a Igreja sempre esteve ao lado dos ricos, e que ela foi um dos agentes que provocaram esta atual situação. Hoje, felizmente, os nossos religiosos estão deixando de ser simplesmente funcionários do sagrado, e contestam a ordem estabelecida, terminando com sua tradicional solidariedade para com os ricos.

— Quaresma de pobre é páscoa dos ricos, acentuou Frei Mateus, desejando que um dia os pobres recebam a mais-valia que lhes cabe, e afirmando que para isto a Igreja luta, "esta Igreja cuja praxis está mudando".

— E preciso que todos tenhamos um compromisso com o povo, mas que este compromisso seja realmente sério, não este negócio que se vê muito hoje, de "curtir o povo", de curtir folclore, artesanato e outras coisas, concluiu o religioso.

### OSCAR

O arquiteto Oscar Niemeyer disse que tinha ido ali para falar sobre arquitetura, mas que o momento era de coisas ainda mais importantes do que arquitetura, a qual, no momento atual, passa para um plano inferior de importância.

Niemeyer fez questão de explicar que falava ali como representante do Centro Brasil Democrático. Como arquiteto, porém, ele criticou o fato de "os espaços entre os prédios estarem comprometidos com o lucro imobiliário", resultando disso cidades onde a vida se torna impraticável.

— Brasília é um exemplo. A melhor parte daquela cidade como as margens do lago - foi ocupada pela burguesia. Brasília é hoje a cidade mais discriminatória do País. Os trabalhadores que a construíram foram praticamente expulsos de lá, depois que ela ficou pronta. Em Brasília, hoje, não há mais povo. No Rio de Janeiro, ao menos, o povo foi posto para fora da cidade, mas passou a ocupar os morros, de onde há de descer um dia e tomar aquela coisa.

Niemeyer, sob aplausos, terminou sua fala pregando a necessidade de se "mudar esta sociedade, para que se mude também esta arquitetura opressora".